

As representações do sujeito migrante nas memórias identitárias em *Um velho que lia romances de amor* e sua relação com a natureza amazônica

Representations of the migrant subject in identity memories in An old man who read love novels and his relationship with Amazonian Nature

Edilene Teixeira da Silva Santos¹
Hélio Rodrigues da Rocha²

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é estabelecer as possíveis relações entre teorias que abordam o sujeito migrante e sua constituição identitária a partir de suas memórias preservadas, buscando identificar e analisar as relações construídas com a natureza local, o que oportunizou lançar um olhar analítico sobre uma produção literária de expressão amazônica, o romance *Um velho que lia romances de amor*, do escritor chileno Luis Sepúlveda (2004). O foco da análise se deu pela perspectiva do personagem central da obra, José Antonio Bolívar Proaño, oriundo das montanhas, de um povoado chamado San Luis, vizinho ao vulcão Imbabura, no Equador, que migrou para as terras da Amazônia. A base teórica definida para orientar a análise é ampla e se reportou a diferentes teóricos que desenvolveram conceitos e abordagens, dentre os quais se destacam: sobre memória individual e memória coletiva, buscou-se em Maurice Halbwachs (1990), em diálogo com as abordagens sobre memória e esquecimento discutidas por Michael Pollak (1989); identidade e processo de identificação, em Zilá Bern (2011), em diálogo com Édouard Glissant (2005) e os conceitos de sujeito migrante e heterogeneidade e seus desdobramentos em Cornejo Polar (2000). Para a análise da relação do sujeito migrante com a natureza amazônica, principalmente com os animais da floresta, buscou-se fundamentação em estudiosos da ecocrítica, com destaque para as análises encontradas em Fernanda Bezerra de Aragão Correia (2019), Camilo Henrique Silva, Renata Pereira Nocera e Tereza Rodrigues Vieira (2012).

Palavras-chave: Amazônia; migrante; memória; identidade; natureza; animais.

ABSTRACT: The objective of this work is to establish the possible relationships between theories that address the migrant subject and his identity constitution based on his preserved memories, seeking to identify and analyze the relationships built with the local nature, which provided an opportunity to launch an analytical look at a production literary expression of Amazonian expression, the novel *An old man who read love novels*, by the Chilean writer Luis Sepúlveda (2004). The focus of the analysis was from the perspective of the main character of the work, José Antonio Bolívar Proaño, who comes from the mountains, from a village called San Luis, next to the Imbabura volcano, in Ecuador, who migrated to the lands of the Amazon. The theoretical basis defined to guide the analysis is broad and referred to different theorists who developed concepts and approaches, among which the following stand out: on individual memory and collective memory, it was sought in Maurice Halbwachs (1990), in dialogue with the approaches on memory and forgetting discussed by Michael Pollak (1989); identity and identification process, in Zilá Bern (2011), in dialogue with Édouard Glissant (2005) and the concepts of migrant subject and heterogeneity and their consequences in Cornejo Polar (2000). For

¹ Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade de Educação de Porto Velho – Unipeç e em Tecnologias Educacionais pela PUC-Rio e Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL/UNIR (cursando). Atualmente, é professora da Rede Estadual de Ensino - SEDUC Rondônia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8951846621531865>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4202-6623>. E-mail: etss2608@gmail.com

² Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Pós-doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio (2016). Atualmente, exerce a docência junto ao Departamento de Língua Inglesa na Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5420606386720546>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7086-9594> E-mail: heliurocha@unir.br

the analysis of the relationship of the migrant subject with the Amazonian nature, mainly with the animals of the forest, a foundation was sought in scholars of ecocritics, with emphasis on the analyzes found in Fernanda Bezerra de Aragão Correia (2019), Camilo Henrique Silva, Renata Pereira Nocera and Tereza Rodrigues Vieira (2012).

Keywords: Amazon; migrant; memory; identity; nature; animals.

Introdução

Este artigo é resultado de um estudo³ do romance *Um velho que lia romances de amor*, de autoria de Luis Sepúlveda, escritor chileno que, baseado em experiências e pesquisas desenvolvidas na Amazônia, a partir de uma escrita cheia de criatividade, apresenta aventuras envolvendo personagens com perfis diversos, no cenário multicultural da Amazônia equatoriana. Assim, buscou-se estabelecer as possíveis relações entre teorias que abordam sujeito migrante e sua constituição identitária a partir das memórias preservadas, lançando um olhar analítico sobre uma produção literária de expressão amazônica, tendo como foco a perspectiva do personagem central e a relação que ele vai constituindo com o lugar e seus habitantes, humanos e não humanos.

Seguindo a trajetória do personagem José Antonio Bolívar Proaño, é possível a identificação de muitos trechos da narrativa que apresentam elementos para a discussão de uma multiplicidade de temáticas, dentre as quais destacam-se os problemas relacionados ao meio ambiente, conforme dito por Fernanda Bezerra de Aragão Correia, na sua tese de doutoramento sob o título *Literatura e meio ambiente: uma abordagem ecopoética em Manoel de Barros* (2019, p. 5) que, referindo-se à problemática ambiental, diz não ser ela restrita à ciência. Ela considera os textos literários “[...] como linguagem, os mesmos imaginam, constroem e representam a natureza. Assim, o texto literário suscita a percepção dos problemas ambientais contemporâneos”. O romance estudado neste artigo é representativo desse tipo de literatura, em que o discurso literário conflui e dá voz para a abordagem de temáticas com viés ecológico.

³ A motivação inicial para a escrita deste artigo surgiu no contexto de estudos quando do desenvolvimento da disciplina *Literatura, Memória e Identidade*, ofertada no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários - PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, e o texto foi, posteriormente, adequado para apresentação no V Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica. Dentre as temáticas propostas pelo Congresso, a escolhida para a abordagem neste artigo foi *Crimes Verdes e Violência Contra os Animais*.

As características do personagem principal e sua relação com a natureza descritas na obra dão elementos para a aproximação da literatura com a ecologia, favorecendo a inserção de conceitos específicos da área, iniciando pelo conceito de ecocrítica, aqui definido como

[...] um estudo do meio ambiente através da literatura objetivando nos aproximar da natureza e nos ensinar a ter uma melhor relação com a mesma. Justificando que a literatura se estabelece como uma possibilidade de leitura do mundo, no próprio campo das teorias da literatura, a ecocrítica surge então como uma vertente da crítica literária, e é, dessa forma, uma ferramenta de contextualização entre as referidas áreas (literatura e meio ambiente), servindo de crítica e reflexão (CORREIA, 2019, p. 3).

O estudo da natureza, por meio de análise crítica da produção literária, é um instrumento para que relações do homem com o meio natural e com os animais que nele habitam se desenvolvam de forma mais harmoniosa e mais ética, favorecendo a aproximação entre o animal humano e o não humano. Tal perspectiva encontra confluência no pensamento de Correia (2019, p. 20), que diz: “[...] é de grande relevância o estudo da inter-relação entre o homem e a natureza, no que tange os seus elos de afetividade com os elementos naturais, o seu olhar para com a mesma e o principal, o seu comportamento diante dela.” Estabelecendo um diálogo com a temática, o presente estudo se ocupou, mesmo que brevemente, em explorar as problemáticas ambientais, com maior atenção à relação do animal humano com os animais não humanos, que vivem no meio natural.

Processo de construção identitária do velho migrante

Antes de se enveredar pelos caminhos da ecocrítica, focando nas problemáticas ambientais, considera-se importante que seja dado a conhecer, primeiramente, um pouco do personagem central da obra, José Antonio Bolívar Proaño, um velho de aproximadamente sessenta anos, migrante oriundo das montanhas, de um povoado chamado San Luis, vizinho ao vulcão Imbabura, no Equador. A constituição do perfil do personagem vai se dando aos poucos, quando o narrador o apresenta em fases experienciais diferentes, em tempos e lugares distintos, com quebra de linearidade temporal.

O velho é caracterizado como um homem simples e reservado. Suas características físicas e culturais sofreram alterações como resultado das suas experiências ao longo dos dias transcorridos. Seu corpo foi se moldando pela vida na floresta, tendo adquirido músculos ágeis como os dos felinos e que foram se tornando rijos pela ação do tempo.

O personagem central do romance de Sepúlveda é representativo de uma cultura diferente das culturas dos outros personagens com os quais foi entrando em contato, quando de seus deslocamentos, saindo de San Luis em direção a El Idilio, lugar remoto da Amazônia equatoriana. Nessas diferentes relações que estabeleceu, foi acessando novos elementos culturais.

Na maior parte da narrativa, ele é apresentado como um velho cheio de saudades e, por meio de suas memórias, o narrador vai dando a conhecer seus deslocamentos, iniciados com a saída da serra em direção a cidade de El Idilio, há cerca de quarenta anos. Sob o foco de suas lembranças, vai apresentando suas experiências, como condutoras da narrativa. Em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, de Michael Pollak (1989, p. 12), é possível apreender a relação entre a história de vida e a identidade do indivíduo:

A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de leit-motiva em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. [...] Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

No romance de Sepúlveda, a memória é sempre presente na constituição da identidade transitória de seu principal personagem, o velho. Na narrativa, há referência à importância das lembranças para o personagem, sendo registrado o momento em que ele próprio “[...] argumentou de como as lembranças eram sagradas naquela terra [...]” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 59). As lembranças de uma existência, que são justapostas no presente, podem ser impulsionadas pela afetividade, podendo sofrer alterações em sua manifestação. Em muitos trechos, o narrador evoca a memória do personagem para ir tecendo a narrativa. Maurice

Halbwachs, na obra *A Memória Coletiva* (1990, p. 18), teceu considerações sobre a questão, acrescentando a presença da imagem nas lembranças. Na concepção do teórico:

[...] se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado.

De modo semelhante ao que afirma Halbwachs na citação acima, a memória do personagem central, eleita e articulada pelo narrador, atua como gerenciadora do passado, como memória atualizada, trazendo imagens do passado para o presente. Em várias passagens do texto, suas experiências são evocadas, trazendo à tona os diversos elementos que constituíram o personagem ao longo de sua história de vida.

Halbwachs (1990, p. 34) vai descortinando o entendimento sobre o processo de lembranças do indivíduo, o que pode lançar luz sobre o que ocorre com o personagem Bolívar. Na visão do sociólogo francês,

[...] é estranho que estados que apresentam um caráter tão surpreendente de unidade irreduzível, que nossas lembranças mais pessoais resultem da fusão de tantos elementos diversos e separados. Primeiramente, ao refletir, esta unidade se converte numa multiplicidade. Dissemos algumas vezes que, num estado de consciência verdadeiramente pessoal, reencontramos, aprofundando-o, todo o conteúdo do espírito visto de um certo ponto de vista. Mas por conteúdo do espírito é preciso entender todos os elementos que assinalam suas relações com os diversos meios. Um estado pessoal revela assim a complexidade da combinação de onde saiu.

A relevância da “complexidade da combinação” que o excerto acima enfatiza, faz pensar sobre a complexidade de Bolívar, um velho solitário, cheio de saudades, que em muitos momentos é apresentado com o espírito desalentado, algo apenas suavizado em alguns momentos narrativos por uma característica que o diferencia dos demais, a de ser um homem que “Sabia ler” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 41). Sua solidão é amenizada com a leitura de romances com enredos de amor, principalmente das histórias tristes, que o emocionam. Em trechos em que a narrativa se refere aos momentos de leitura feitas pelo narrador, é notória a

sensibilidade que se desenvolve no homem maduro. O acesso a essas histórias lhe era oportunizado pelo personagem dentista, que lhe trazia livros, semestralmente, quando de passagem breve por El Idilio. Ele lia

[...] lentamente, juntando as sílabas, murmurando-as a meia voz como se as saboreasse e, ao ter dominada a palavra inteira, a repetia de uma só vez. Depois fazia o mesmo com a frase completa e, dessa maneira, se apropriava dos sentimentos e ideias plasmados nas páginas (SEPÚLVEDA, 2004, p. 25).

Os momentos de leitura exigiam certo esforço desse leitor de romances, não só para a decodificação das palavras, mas também pela compreensão dos textos. Entretanto, isso não o desencorajava, pois “Quando uma passagem lhe agradava especialmente, ele a repetia muitas vezes, todas as que achasse necessárias para descobrir como também a linguagem humana podia ser bela” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 25). Por meio da leitura, ia conhecendo, mesmo que lentamente, elementos da cultura universal.

O acesso à leitura de romances de amor oportunizou a que ampliasse o seu universo cultural, trazendo informações com as quais ia buscando estabelecer interações simbólicas, tentando, com muita dificuldade, relacionar com o conhecido, nem sempre encontrando correspondência. Embora não fosse um leitor exímio, ler era uma atividade constante, “[...] lia na solidão de sua cabana em frente ao rio Nangaritzá” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 22). Ler como uma atividade de deleite o diferenciava dos demais ribeirinhos e o ajudava a penetrar em um mundo cheio de simbologia, onde ele precisava lidar com uma pluralidade de códigos da cultura letrada, junto com a cultura oral e, quando possível, trocava ideias com seus pares.

Aquilo de gondoleiro, gôndola e beijar ardorosamente ficou semi-esclarecido depois de um par de horas de troca de opiniões salpicadas de anedotas picantes. Mas o mistério de uma cidade na qual as pessoas precisavam de botes para se moverem, esse não entendiam de nenhuma maneira (SEPÚLVEDA, 2004, p. 79).

As leituras e as indagações que lhe suscitaram o impulsionaram para que buscasse aproximar os elementos culturais adquiridos nos locais por onde passou com os conhecimentos universais trazidos pelas narrativas dos romances que lia. Lia livros “[...] alheios ao relance desordenado a um passado sobre o qual Antonio

José Bolívar Proaño preferia não pensar, deixando os poços da memória abertos, para preenchê-los com as alegrias e tormentos de amores maiores que o tempo” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 47). Assim ele ia se constituindo como sujeito.

A constituição identitária de Bolívar, portanto, vai se dando pelo estabelecimento de relações entre elementos culturais diversos. Entretanto, é importante destacar que o conceito de identidade requer uma discussão ampla e aprofundada, não sendo possível, em um estudo breve, esgotá-lo. Assim sendo, neste texto, optou-se pela utilização da abordagem desenvolvida por Zilá Bernd, na obra *Literatura e identidade nacional* (2011, p. 17), inicialmente afirmando que “[...] é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro”. Bolívar, além da leitura dos romances de amor, também transitou em espaços físicos e culturais diversos dentro da Amazônia, em contato com a natureza e com outro(s) e, em muitos casos, sendo ele próprio o outro.

É no contato de Bolívar com o outro, muitas vezes por meio de encontros e desencontros conflituosos, que se estabelece a ligação entre a identidade e a diferença. Seguindo com Bernd (2011, p. 17), “[...] a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo [...]”, uma vez que o indivíduo não se constitui como ser isolado, mas como sujeito social.

Os encontros de culturas no universo amazônico, no romance, são representados nas relações de diferentes personagens, que se dão entre o migrante Antonio José Bolívar Proaño com índios, ribeirinhos, garimpeiros, estrangeiros e outros. Tais contatos são demonstrativos da convivência, nem sempre pacífica, de uma diversidade de identidades transitórias. A pluralidade dos diversos cruzamentos culturais constituem relações identitárias, em um progressivo processo de diferenciação e de transformação contínua. Sobre a busca pela identidade, esta

[...] deve ser vista como processo, em permanente movimento de deslocamento, como *travessia*, como uma formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos de reterritorialização e desterritorialização, entendendo-se a noção de “território” (Deleuze e Guattari, 1977) como o conjunto de representações que um indivíduo ou um grupo tem de si próprio (BERN, 2011, p. 12).

Sendo assim, o sujeito não é constituído, ele continua se constituindo, pois está em um contínuo processo de identificação, em constante movimento,

apresentando um perfil identitário incompleto (BERND, 2011, p. 21). Bolívar, em sua migração por diferentes espaços amazônicos, foi entrando em contato com grupos sociais diferentes, sem, contudo, deixar de ser um sujeito, oriundo da serra equatoriana. Para melhor compreensão do comportamento do velho, personagem central do romance estudado, encontrou-se conexão possível em Édouard Glissant, na obra *Introdução a uma Poética da Diversidade* (2005, p. 37), com destaque para a abordagem sobre identidade, quando o autor apresentou o que chamou de “poética da relação”. Na visão desse escritor, teatrólogo, ensaísta e romancista martinicano,

[...] a noção de ser e de absoluto do ser está associada à noção de identidade “raiz única” e à exclusividade da identidade, e que se concebermos uma identidade rizoma, isto é, raiz, mas que vá ao encontro das outras raízes, então o que se torna importante, não é tanto um pretense absoluto de cada raiz, mas o modo, a maneira como ela entre em contato com outras raízes: a Relação. Uma poética da Relação me parece mais evidente e mais “enraizante” atualmente do que uma política do ser.

Na narrativa, em muitas situações, Antonio José Bolívar Proaño, vivenciando um processo continuado de constituição identitária, seja pela leitura de romances de amor, seja pelos longos períodos em convivência com a comunidade ribeirinha e também com o povo shuar, confirma o que Bernd (2003, p. 18) pensa, ao se referir à busca identitária como processo: “[...] em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e interagindo na trama discursiva sem paralisá-la”. O sujeito que empreende sucessivos deslocamentos, pelas suas diversas experiências, vai ocupando mais de um lugar. Bolívar está em constante processo de aprendizagem na convivência com a diversidade cultural e com o meio natural da Amazônia equatoriana, que representa um lugar de passagem para a maior parte dos personagens.

A relação humano com o espaço natural e com o não humano

O migrante Bolívar, levando consigo sua experiência de homem serrano, foi entrando em contato com novos elementos culturais, principalmente no que se refere às relações com a natureza e os mistérios da floresta amazônica. As

experiências vivenciadas levaram Bolívar a desenvolver uma interação harmoniosa com o lugar, oportunizando a aquisição de conhecimentos sobre a vida na floresta, com desenvolvimento de aguçada sensibilidade e certa simbiose com o lugar.

A interação de Bolívar com a natureza e sua capacidade de sentir a floresta e seus habitantes não humanos vai se evidenciando progressivamente. Essa capacidade foi despertada quando, ainda muito jovem, casou-se com Dolores Encarnación de Santíssimo Sacramento Estupiñán Otavalo e, não tendo filhos, após sucessivas tentativas frustradas, decidiram sair do povoado, desobrigando-se de darem satisfações acerca dessa infertilidade do casal. O destino foi a floresta amazônica equatoriana, por adesão a um programa do governo que prometia distribuição de larga área de terras na selva e ajuda técnica, com fins de povoar territórios em disputa com o Peru (SEPÚLVEDA, 2004, p. 27).

A vida na floresta amazônica apresentou-se dura, tendo eles enfrentado muitas dificuldades para a sobrevivência na selva. Ele e a mulher eram colonos e não conseguiam desenvolver a lavoura na floresta. A desolação tomava conta deles, “[...] sentiam-se perdidos, numa luta estéril com a chuva que a cada dia ameaçava carregar a cabana [...]” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 29). Os índios shuar, percebendo suas dificuldades, aproximaram-se e, daí em diante, foram ensinando o casal a se relacionar com o meio que, para eles, se apresentava hostil.

Os conhecimentos adquiridos com os shuar lhes foram úteis, pois com eles “[...] aprenderam a caçar, a pescar, a levantar cabanas estáveis e resistentes aos vendavais, a reconhecer os frutos comestíveis e os venenosos e, sobretudo, deles aprenderam a arte de conviver com a selva” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 29). Com a morte de sua esposa, acometida pela malária, ele passou a viver com os shuar e, aos poucos, foi ampliando os conhecimentos sobre a vida na floresta e conhecendo os ritos e segredos daquele povo. Ele passou por um processo de, aos poucos, aprender a beleza de se relacionar com a natureza.

Um episódio mudou o rumo dos acontecimentos, quando alguns homens estrangeiros mataram dois de seus companheiros, entre eles, Nushiño, amigo de Bolívar, assim narrado: “Um deles morrera com a cabeça destroçada pela chumbada a curta distância, e o outro agonizava com o peito aberto. Era seu compadre Nushiño” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 36), que, antes de morrer, confiou a Bolívar a

tarefa de rastrear e matar o assassino. O migrante atendeu o pedido, mas não o fez conforme determina o ritual do povo shuar, pois deveria

[...] tê-lo liquidado com um dardo envenenado, dando-lhe antes a oportunidade de lutar como um valente; assim, ao receber a paralisia do curare, toda a sua coragem permaneceria em sua expressão, para sempre capturada em sua cabeça reduzida, com as pálpebras, nariz e boca fortemente costurados para que não escapasse (SEPÚLVEDA, 1998, p. 37- 38).

Ocorreu, então, a revelação de um sujeito fragmentado, não pertencendo ao povo shuar, conforme assinalado no romance, que, “Definitivamente, era como um deles, mas não era um deles” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 34). A sua maneira de agir gerou reprovação por parte dos shuar, pois acreditavam que a alma do companheiro índio ficaria vagando para sempre, sem paz nem descanso. Bolívar foi convidado a se retirar.

A convivência com os shuar lhe trouxe novos elementos culturais, sem contudo, gerar em Bolívar uma síntese cultural; ele manteve, ainda no presente, os elementos do passado que o integravam. Tendo aprendido as habilidades de caça e de reconhecimento da mata, muitos ritos e segredos, e a língua do povo shuar, ele construiu a sua identidade individual (provisória) marcada pela multiculturalidade.

Antonio Cornejo Polar, no texto *Uma heterogeneidade não dialética: sujeito e discurso migrantes no Peru moderno*, constante da obra *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas* (2000, p. 304), esclareceu que

[...] o migrante está exposto a fenômenos sincréticos, em relação às forças que surgem do seu novo espaço de experiência, como pode fixar limites relativamente claros entre os dois ou mais momentos do seu itinerário. Ao que parece, a consciência do migrante está mais atenta à fixação de suas experiências distintas e contrárias que à formulação de uma síntese globalizadora.

As diferenças no sujeito migrante ainda eram marcantes pois, embora tenha desenvolvido afinidades com os shuar, estabelecendo com esse povo um processo de identificação, não promoveu uma fusão harmônica dos elementos culturais. Polar, em suas reflexões, refere-se a processo semelhante (2000, p. 304): “Minha hipótese primária tem a ver com a suposição de que o discurso migrante é radicalmente descentrado, enquanto se constrói ao redor de eixos vários e assimétricos, de certa

maneira incompatíveis e contraditórios, de uma forma não dialética”. A relação entre Bolívar e os shuar articula também as diferenças entre eles, nem sempre harmônicas.

Quando de seu afastamento das terras dos shuar, Bolívar levou consigo as aprendizagens obtidas, incluindo a língua do povo. Em um trecho em que é narrada sua experiência em tensa caçada a uma onça raivosa por ter tido seus filhotes mortos por gringos para comercialização das peles, ele “Escutou-se gritando com uma voz desconhecida e, sem ter certeza de tê-lo em shuar ou em castelhano, viu-a correr pela praia como uma flecha pintalgada, sem ligar para a pata ferida” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 93). Ele se utilizou do bilinguismo e também se movimentou em dois tipos de linguagens, a oral e a escrita, numa clara demonstração de lugares duplicados pelo deslocamento que empreendeu. Em Polar (2000, p. 306) encontra-se referência propícia à compreensão da atuação desse sujeito capaz de “[...] manejar uma pluralidade de códigos, os quais, apesar de ingressar num só rumo discursivo, não só não se confundem, mas preservam em boa medida sua própria autonomia”.

Os episódios que apresentam encontros do personagem central com habitantes da floresta, animais não humanos, são muitos, podendo ser registrados os que envolvem cobras, peixes, aves, macacos, tamanduás e, com destaque, os momentos dedicados à narração da situação dramática da onça que, por seus filhotes terem sido mortos por um gringo para a retirada das peles, ficou enlouquecida de dor, o que motivou a sua reação raivosa contra os humanos. Quando a mochila do gringo foi aberta foram encontradas: “[...] munição de escopeta e cinco peles de onças muito pequenas. Peles de felinos pintados que não mediam mais do que um palmo. Estavam polvilhadas com sal e fediam [...]” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 19). Tal referência já dá a ideia da crueldade praticada pelo humano, com os animais da selva, não humanos.

O animal não humano é capaz de sentir e expressar dor diante de circunstâncias adversas, ponto muito bem explorado no texto *Animais não humanos: responsabilidade de todos*, de autoria de Tereza Rodrigues Vieira, Renata Pereira Nocera e Camilo Henrique Silva, que compõe a obra *Ética ambiental e bioética: proteção jurídica da biodiversidade* (2012, p. 64), onde, fazendo referência a Varella, escreveram que “A capacidade de sofrer com a morte de um parente também já foi descrita em chimpanzés, gorilas, elefantes, leões-marinhos, lobos, lhamas e gansos

[...]”, o que acolhe a constatação dos sentimentos e reações da onça descritos no romance estudado.

Embora os relatos sobre reações de animais domésticos denotem mais os sentimentos como a afetividade, sendo mais perceptíveis, Vieira, Nocera e Silva (2012, p. 65) não estendem a afirmação para os animais considerados selvagens, ao dizer que “Há animais que conseguem demonstrar afetividade e sofrimento, por exemplo, o cachorro. Contudo, é possível que o animal selvagem se comporte diferentemente daquele doméstico”. O comportamento da onça narrado no romance contraria tal afirmação, uma vez que ela age e reage, manifestando dor, sofrimento, raiva e outros sentimentos.

Bolívar, por ter significativos conhecimentos sobre a selva e seus habitantes humanos e não humanos, foi reconhecido como o mais preparado para empreender a caçada à onça tida como enlouquecida.

Como alguém que reconhece o potencial do opositor, Bolívar ponderou que “A onça capta o cheiro de morte que muitos homens emanam sem saber” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 92). A tarefa a ele imposta pelo delegado, autoridade máxima local, que liderava o grupo de improvisados caçadores, gerava nele muitos conflitos. A sua posição encontra confluência com o que escreveram Vieira, Nocera e Silva (2012, p. 78), ao inferirem que, “Aproveitar-se da vulnerabilidade dos animais é proteger a usurpação. O homem não pode dispor do animal como coisa. Deve o não humano ser tratado como um ser sensível e colocado sempre em condições compatíveis com as necessidades biológicas da sua espécie”. Assim pensava o velho caçador:

Uma ordem desconhecida lhe dizia que matá-la era um imprescindível ato de piedade, mas não a piedade prodigalizada pelos que estão em condições de perdoar e ofertá-la. A fera buscava a ocasião de morrer frente a frente, num duelo que nem o delegado nem aqueles homens poderiam compreender (SEPÚLVEDA, 2004, p. 82).

Os sentimentos de dor do animal não humano são dados como certos pelo narrador e, pelo seu filtro, expõe as observações: “Não via a fêmea, mas a adivinhava acima, oculta, entregue a lamentos talvez parecidos com os humanos” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 91). Um fato em particular chamou sua atenção, enquanto ele observava seus movimentos; foi quando ela tentava atraí-lo até o local onde

estava o macho em sofrimento, ferido de morte pelo gringo cruel. Ela “[...] deixou-se ver várias vezes, sempre se movendo numa trajetória norte-sul” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 88). Surpreendentemente, ela não atacava, esperando que ele localizasse seu companheiro e pusesse fim a sua agonia, como se orquestrasse um plano, que se revelou eficiente, na medida em que o macho foi encontrado e sacrificado por ele, que entendeu seu intento.

A sensibilidade do velho foi aflorando mais e mais, à medida que ele ia se envolvendo com o drama vivido pela onça e reconhecia que a sabedoria que o conduzia lhe foi facultada na convivência com o povo shuar, possibilitando-lhe reconhecer os motivos do comportamento agressivo da onça. Ele reconhecia que “[...] indiscutivelmente, os animais não humanos possuem uma linguagem, seja corporal ou sonora, entendível a nós humanos, pois, sabemos quando este vulnerável está com fome, sede ou doente” (VIEIRA, NOCERA e SILVA, 2012, p. 64). Mesmo reconhecendo os motivos do animal, Bolívar não podia ignorar que “Uma onça enlouquecida de dor é mais perigosa que vinte assassinos juntos” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 20).

As reflexões do caçador experiente podem ser consideradas como indicativo da presença do que Vieira, Nocera e Silva (2012, p. 66) chamam de “ética biocêntrica”, que considera “[...] os animais e toda a natureza com seus seres vivos moralmente relevantes, portadores de valor intrínseco, pelo motivo de sua simples existência. Em seu estudo, contemplam a defesa da relevância moral de toda a natureza, que compartilharia com o ser humano a especial característica de estar viva.” O desfecho que se dá com a morte da onça não faz dele um vencedor, sendo assim relatado: “O velho acariciou-a, ignorando a dor do pé ferido, e chorou envergonhado, sentindo-se indigno, envilecido, de nenhum modo vencedor dessa batalha” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 93). Naquele animal abatido, de quem havia entendido os motivos do desespero, ele via magia representada. Ele jogou o corpo do animal na correnteza do rio e retornou triste e abatido. Assim Sepúlveda (2004, p. 94) relatou:

Antonio José Bolívar Proaño tirou a dentadura postiça, guardou-a envolta num lenço e, sem deixar de amaldiçoar o gringo causador da tragédia, o delegado, os garimpeiros, todos os que violaram a virgindade de uma Amazônia, cortou com um golpe de facão um galho grosso e apoiado nele pôs-se a andar no rumo de El Edilio, de

sua cabana e de seus romances que falavam do amor com palavras tão belas que às vezes o faziam esquecer a barbárie humana.

O ápice de suas experiências na selva amazônica foi acompanhado de muitas reflexões que, possivelmente, alteraram sua constituição de sujeito migrante, integrado ao espaço natural, naquilo que ele pôde alcançar, o que permite integrar com o pensamento de Correia (2019, p. 22), ao ressaltar que “[...] humanos e não-humanos são natureza, e que o homem é parte integrante desta natureza; que tudo é interligado, como uma teia da vida [...]. Desta forma, concorre a nós focarmos de que forma interagimos com a mesma, exercendo uma postura crítica-ambiental.” Em Sepúlveda (2004, p. 70), lembrando o que diziam os shuar, o narrador afirma que: “De dia, é o homem e a selva. De noite, o homem é selva.”

Considerações

No romance analisado, é possível perceber a articulação de diferentes simbologias sobre os diferentes lugares e os diferentes contatos, mostrando um pouco da Amazônia e sua diversidade cultural. O romance apresenta personagens ficcionais, mas que trazem histórias que se relacionam com a vida de habitantes reais, vidas concretas de quem vive na Amazônia, histórias que são preservadas por meio das memórias, constitutivas de identidades transitórias.

O estudo da narrativa possibilitou o alargamento dos conhecimentos sobre os imaginários produzidos sobre a Amazônia e seus habitantes. As imagens construídas sobre o lugar, em sua maioria, são captadas a partir das lentes dos de fora, dos que não pertencem ao universo amazônico. Os que passam pela região não dão conta da diversidade constitutiva da região e do imaginário construído pelos seus habitantes sobre o universo amazônico. Os estereótipos construídos são adversos, reforçando características como um espaço hostil, exótico, mítico, atribuindo às suas populações um caráter primitivo, muitas vezes visto como edênico ou como um lugar povoado de sujeitos capazes de práticas bárbaras, infernais.

Na obra em análise, a Amazônia é apresentada como um lugar que, por ser desconhecido, visto com estranheza ou com maravilhamento, para muitos dos personagens representa ameaça, causando medo e temor nos seus habitantes e,

principalmente, nos de fora dela. Entretanto, a obra de Sepúlveda, articulando as experiências dos diferentes personagens, apresenta-se como um projeto narrativo de viés descolonizador, por meio do qual apresenta os espaços e as culturas constitutivas da identidade amazônica equatoriana e as relações que nela se estabelecem, envolvendo o homem e a natureza e com os outros homens, considerando a alteridade valiosa no descortinamento da região.

O romance tem como personagem principal Antonio José Bolívar Proaño, um sujeito migrante heterogêneo que, atuando como sujeito social, não se constitui isoladamente. Ele vai dando significado a novos elementos culturais com os quais entra em contato na convivência com o outro, em diferentes espaços, sem, contudo, deixar para trás suas experiências anteriores, trazidas para o presente como memórias individuais ou coletivas. Tais elementos são assimilados sem buscarem formular uma síntese que os homogeneíze enquanto sujeitos culturais.

Os encontros estabelecidos com a multiplicidade de culturas, por meio de contatos com o outro, seja através das suas vivências nos lugares de passagem ou no acesso à literatura que lhe apresenta outros contextos, vão contribuindo para que o processo de identificação vá apresentando alterações na estabilizada identidade, fazendo surgir progressivas identidades fragmentadas e não unificadas. Esse sujeito migrante convive com os elementos das experiências originárias, do local e do universal (por meio da leitura) sem buscar estabelecer uma síntese que o torne um sujeito migrante homogeneizado.

A obra possibilita que, a partir de recortes, sejam feitas articulações de temáticas diversas, com teorias específicas e, neste estudo, optou-se por se estender a análise também para o campo da ecocrítica, sem, contudo, dar ênfase a uma reflexão mais cultural. A abordagem suscitou muitas reflexões, dentre elas, a necessária aproximação do homem com a natureza de modo a melhorar a relação do animal humano com o meio natural e seus habitantes.

Referências

- BERND, Zilá. *Cultura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Tradução: CARVALHO. Ilka Valle de. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. *Literatura e meio ambiente: uma abordagem eco-poética em Manoel de Barros*. São Cristóvão, SE, 2019. Disponível:

https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12462/2/FERNANDA_BEZERRA_ARAGAO_CORREIA.pdf - Acesso em 03/08/2021.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução: LÉON SCHAFFTER, Laurent. São Paulo: Vértice.1990.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SEPÚLVEDA, Luis. *Um velho que lia romances de amor*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2004.

VIEIRA, Tereza Rodrigues, NOCERA, Renata Pereira e SILVA, Camilo Henrique. Animais não humanos: responsabilidade de todos. In: *Ética ambiental e bioética: proteção jurídica da biodiversidade*. Organizadores: BRAUNER Maria Claudia Crespo e DURANTE, Vincenzo. Caxias do Sul: EducS, 2012. - Disponível: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/etica_ambiental_EDUCS_ebook_CORR.pdf - Acesso em 03/08/2021.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 20/01/2022